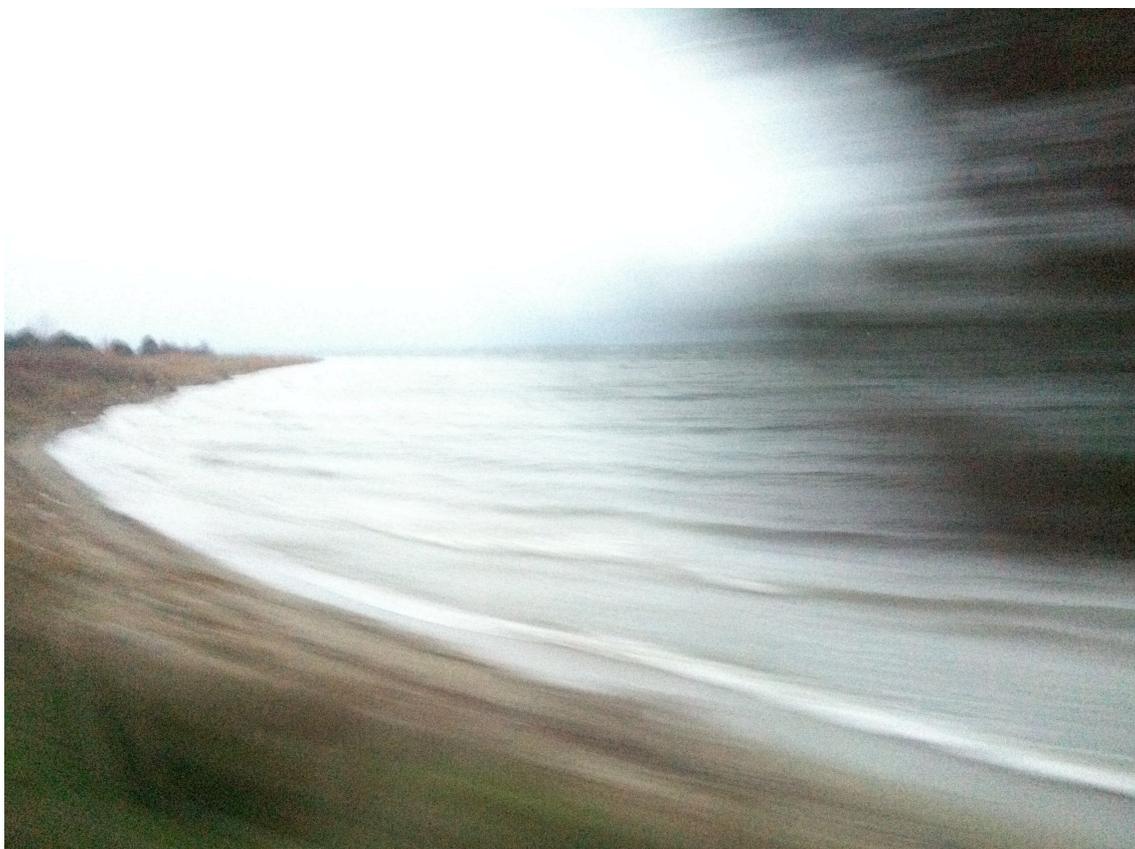


Fragilidades na velhice - aprender o cuidar



Beatriz Helena Loscher

A gerontologia entrou na minha vida sem que eu percebesse e muito antes de escolher minha profissão. Nasci em uma numerosa família de descendentes de italianos e portugueses, com muitos velhos. Desde criança fui criada com presença constante de avós, bisavó, tios-avós que ou moravam juntos conosco, ou vinham passar algum tempo em minha casa. A alegria no lar era quase palpável e aprendi muito com toda essa grande família. Os almoços de domingo na casa da avó, as festas de aniversário, sempre cheias e animadas, as festas de final de ano com quase uma centena de pessoas e muita, mas muita comida e alegria. Era uma vida feliz!

Os anos passaram e os velhos começaram a ir embora... Cada partida era uma dor imensa, mas desde pequena estive presente em velórios e enterros, algo que hoje em dia é difícil de ver. Aprendi o significado de dor, tristeza e luto da mesma maneira natural que aprendi o amor, o carinho, o cuidado com os parentes.

Aos 13 anos de idade, minha avó Rosa (na época com 67 anos) estava acompanhando meu avô Alberto no hospital, em uma cirurgia que ele faria e foi aí que tudo mudou. Ao retornar do centro cirúrgico para o quarto, meu avô viu

minha avó cair na sua frente tendo seu primeiro AVC (acidente vascular cerebral). Imediatamente socorrida, levada para a UTI, e muito bem assistida, permaneceu internada por algumas semanas até retornar para casa, quase sem sequelas. Porém o destino ainda tinha mais surpresas e um mês depois ela teve o segundo AVC, e no mês seguinte o terceiro, deixando-a tetraplégica, confinada a uma cama, sem poder mexer nada abaixo do pescoço e totalmente dependente.

Uma pessoa que pouco tempo antes era extremamente ativa, fazia tudo para todo mundo, cozinhava, lavava, passava e estava sempre pronta para o que desse e viesse, agora não conseguia mais fazer nada sozinha, nem comer, nem tomar um copo d'água, nem andar. Coisas tão simples, as quais nunca demos valor se tornaram impossíveis.

Mas, mesmo com essa grande provação, minha amada vó se mostrou resiliente e resignada em seu calvário particular. Eu, adolescente, já sabia trocar fraldas, dar banho no leito, dar comida na boca, limpar, fazer curativos, mudar decúbito, entre tantas outras tarefas indesejáveis para tantas outras pessoas e que eram feitas por mim com amor e prazer. Poder proporcionar bem estar, conforto e carinho à minha avó eram prioridades para mim.

Sem perceber, a semente da fisioterapia começou a brotar em mim e aos 16 anos, prestei vestibular e passei. Fiz o curso de fisioterapia em período integral na Universidade São Judas Tadeu, próxima de minha casa. Durante 4 anos minha vida era estudar para aprender a ajudar mais a minha avó, e sair da faculdade ir para a casa dela tomar o café da noite com meu avô e ficar ao lado dela.

Tivemos juntas ótimos momentos de amor e alegria. Lembro-me de tantas coisas que não caberiam em tão pequena reflexão, mas algumas merecem destaque, como no dia em que mostrei uma revista de nu masculino para minha vó, que ficou tão vermelha, quase roxa, que achei que fosse ter um "piripaque". Ela nunca tinha visto outro homem nu que não fosse meu avô, e ficou chocada com a nudez do jogador Vampeta, um negro com dotes fora do padrão. Ela chorava de tanto rir e toda vez que eu a lembrava do acontecido, ela ria.

Lembro-me de assistirmos juntas a novela da Globo, *Senhora do Destino*, que tinha como música de abertura a belíssima canção *Encontros e Despedidas* do Milton Nascimento, que toda vez que ouço, sinto um apertinho no coração. Lembro também de deitar sobre ela em sua cama hospitalar e deixá-la quase sufocada de tantos beijos e carinhos...

E, talvez, a coisa que mais me emocione ao lembrar-me dela seja a música italiana, principalmente Luciano Pavarotti, e a canção *Nessun Dorma*. Choro toda vez que a escuto, com ternura e saudade dos anos tão bons que passamos juntas nessa vida.

Foram sete anos assim, numa cama hospitalar, sem mover um único músculo abaixo do pescoço e ainda assim com muito amor no coração, uma paz de acalmar o mais agitado, e uma luz quase capaz de acender uma lâmpada. Um verdadeiro anjo! Nunca quis incomodar, sempre teve paciência, nunca falou mal, brigou ou se revoltou quanto a sua condição ou qualquer outra coisa na vida. Ensinou-me o amor incondicional, o cuidado com o outro e me fez sinceramente uma pessoa melhor, mas ainda assim cheia de defeitos.

Felizmente minha avó conseguiu viver tempo suficiente para completar bodas de ouro, uma comemoração tão bonita, cheia de familiares, amigos, música e muita emoção. Ela viu também eu me formar fisioterapeuta, o que me deixa imensamente feliz.

Entre altos e baixos, vó Rosa continuou nos ensinando a cada dia até que, infelizmente, em maio de 2005, uma semana após o dia das mães, vó Rosa decidiu encerrar sua grande e importante caminhada nesse mundo e se foi, num suspiro, enquanto eu e minha mãe segurávamos suas mãos. Ela estava hospitalizada, tranquila em um quarto do Hospital Santa Isabel, e de repente sua respiração ficou mais espaçada até parar.



Minha vontade era gritar, correr para pegar o carrinho de parada e tentar reanimá-la, mas enquanto segurava sua mão, senti que ela já tinha partido para outro mundo, muito melhor do que esse de sofrimento, que ela enfrentou durante tanto tempo. Sofri muito, chorei até secar minhas lágrimas, achei que meu avô não sobreviveria à tamanha tristeza, mas o tempo soberano foi encaminhando as nossas vidas a entrar novamente nos eixos.

Passada a maior dor que já senti no meu coração, pude entender o motivo pelo qual escolhi, talvez inconscientemente, a fisioterapia e, posteriormente, a gerontologia como especialização.

O amor pela minha amada vó Rosa me fez querer cuidar de outros idosos. Sou muito feliz com o que faço com muito amor, tentando sempre o melhor para meus pacientes, embora a vida, a cada dia, nos traga inúmeros mistérios sem solução e provas para nos testar. Testar nossa força, nossa coragem, nossa obstinação e até mesmo nossa fé (independente de religião).

Dentre tantas coisas que aprendi ao longo desses 13 anos de profissão, talvez a mais importante e recente, seja que consigo tratar o indivíduo e não apenas sua doença. Aprendi que muitas vezes vale mais um olhar atento, um ombro acolhedor, um ouvido para escutar, a qualquer técnica de reabilitação. Aprendi a respeitar os pacientes como pessoas que têm direito de escolha, aprendi a ser mais tolerante e aceitar; aceitar até mesmo a morte, algo tão distante de tudo que aprendemos como profissionais da área da saúde.

Data de recebimento: 04/07/2015; Data de aceite: 20/10/2015.

Beatriz Helena Loscher – Fisioterapeuta, formada pela Universidade São Judas Tadeu, Pós Graduada em Fisioterapia Ortopédica e Traumatológica pela Universidade Gama Filho, Pós Graduada em Gerontologia. Curso de Extensão Fragilidades na Velhice: Gerontologia Social e Atendimento - COGEAE-PUC-SP. Email: bia_fisio@yahoo.com.br- <http://biafisio.blogspot.com>